

Entrevista concedida a Adriano Messias¹

Timo Maran²

O desenvolvimento e a difusão da “literacia semiótica” seria uma tarefa primordial dos semioticistas de nossos dias, e também a maneira mais fácil de se popularizar a disciplina.
Timo Maran

Adriano Messias (AM): Timo Maran, em primeiro lugar, gostaria de agradecer sua disponibilidade para participar deste diálogo em forma de entrevista, o qual será de grande benefício para os leitores. Suas contribuições no campo semiótico, especialmente na zoo e na ecossemiótica, têm sido notáveis. Começo com um excerto de um dos seus trabalhos: na página 136 de seu livro *Mimicry and meaning: structure and semiotics of biological mimicry* (Mimetismo e significado: estrutura e semiótica do mimetismo biológico, ainda sem publicação em português), podemos ler o seguinte: “Os blocos de construção do código ecológico poderiam muito bem ser imagens únicas mas intensas, compartilhadas por muitas espécies em diferentes variações e, ao mesmo tempo, motivadas ou conformadas pelas redes ecológicas circundantes”³. Acho que sua analogia com os arquétipos junguianos é muito válida para pensarmos nas camadas de modelagem pré-linguística que organizam os “mundos” (Umwelten) das diferentes espécies, o que também tem a ver com o entendimento de Sebeok sobre o que podemos chamar de “inconsciente” no âmbito da zoosemiótica. Agora pensemos nas grandes mudanças causadas pelo homem nos biomas e antromas planetários: no caso específico da floresta amazônica, suponho que muitas espécies autóctones tenderão a apresentar uma espécie de “curto-circuito” semiótico ou até mesmo uma espécie de invalidação de interpretações semióticas importantes (como a própria extração fundamental do significado) devido à deterioração de seus ecossistemas. Você acredita que as mudanças ecológicas antrópicas interferem nos códigos ecológicos de diferentes espécies, favorecendo até mesmo uma extinção mais rápida de algumas delas?

¹ Adriano Messias é pesquisador com doutorado em Comunicação e Semiótica e dois pós-doutorados no exterior. Possui vários livros acadêmicos publicados, além de vasta obra em ficção infantil-juvenil com mais de 200 títulos. Ganhou prêmios importantes, como o Jabuti, e o reconhecimento da Unesco por suas obras que contribuem para um pensamento ecossemiótico integrador. adrianoescritor@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4510-129X>.

² Professor of Ecosemiotics and Environmental Humanities, Department of Semiotics, University of Tartu, Estônia. E-mail: timo.maran@ut.ee. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4115-7429>.

³ No original: “The building blocks of ecological code could very well be single but intense images that are shared by many species in different variations and are, at the same time, motivated or constrained by surrounding ecological networks”.

Timo Maran (TM): Em meu ponto de vista, o impacto humano nos mundos (ou *Umwelts*) semióticos de outras espécies e nos códigos ecológicos que estas apresentam é significativo e desestabilizante. Isso se mostra sobretudo quando consideramos que muitos códigos ecológicos são construídos sobre determinadas variáveis ou condições ambientais. Um conhecido exemplo desse código é a linguagem da dança das abelhas, onde a informação transmitida depende da posição do sol como referência. Hoje, os seres humanos estão alterando as condições ambientais tanto em escala local como global, o que tem consequências graves para muitas espécies. Por exemplo, descobriu-se que a poluição luminosa urbana desorienta as tartarugas marinhas recém-nascidas que precisam chegar ao oceano. Em vez disso, elas vão para estacionamentos ou piscinas e morrem por lá.

Em escala global, os seres humanos também estão alterando as condições ambientais de diversas maneiras. Nas regiões temperadas, o calendário sazonal muda à medida que a temperatura sobe, perturbando as aves migratórias. Elas chegam tarde demais para uma alimentação e uma nidificação ideais, o que coloca muitas espécies em perigo – por exemplo, as aves conhecidas por maçaricos (*Calidris*). O aquecimento dos oceanos altera a velocidade e a direção das correntes. Peixes migratórios – como as enguias – enfrentam problemas porque sua navegação depende das correntes de água, que funcionariam como coordenadas ambientais. E há também códigos ecológicos que funcionam porque muitas espécies com formas e padrões semelhantes habitam a mesma região.

A Amazônia é particularmente conhecida por variações locais de borboletas, conhecidas como anéis de mimetismo. Acredita-se que as delicadas semelhanças entre espécies existam devido à coevolução em pequena escala e aos efeitos microclimáticos. Dado que as alterações climáticas tendem a degradar as relações ecológicas entre as espécies, podemos esperar que seus *códigos ecológicos se tornem menos fiáveis e desapareçam. Como exemplo para comparação, temos as orquídeas abelheiras (Ophrys)* na Europa – um grupo de espécies com uma ecologia muito fascinante. Suas flores lembram vespas e abelhas fêmeas tanto em forma quanto em odor, a fim de poderem atrair polinizadores. Algumas espécies desse grupo perderam seus principais insetos polinizadores para experimentar, em seguida, uma diversificação evolutiva com novas variações de flores.

O problema é que as relações ecológicas entre as espécies são muito complexas e os humanos de hoje estão alterando rapidamente as condições ecológicas e os ecossistemas de muitas maneiras. Nesse contexto,

propus recentemente o conceito de “colapso do *Umwelt*” para analisar mudanças ambientais a partir da perspectiva do *Umwelt* de espécies específicas (cf. Maran 2023). O foco aqui está na percepção sensorial, nas atividades, na fisiologia e nas estruturas de significação de uma dada espécie no ambiente em que ela vive. Podemos analisar como essas quatro contrapartes do *Umwelt* se encaixam ou quais esforços a espécie faz para manter a coerência no ambiente em mudança, por exemplo, através da aprendizagem ou da adaptação. A ideia principal do conceito é que, face às alterações climáticas, é a actividade semiótica da espécie que mantém o seu *Umwelt* funcional. No entanto, se o estresse ambiental se tornar demasiadamente elevado, a espécie pode vir a falhar e ocorrerá um colapso do *Umwelt*. Para concluir, gostaria de ressaltar que, hoje, alteramos de forma muito ampla o meio ambiente, mas temos muito pouca informação sobre como as mudanças afetam outras espécies e ecossistemas. Isso é muito alarmante.

(AM): A ciência e, mais especificamente a etologia, sabe que elefantes podem mudar seu próprio comportamento no caso da iminência de um terremoto, procurando fugir para regiões mais seguras. Outros animais, geralmente mamíferos, podem se beneficiar dos signos deixados pelos elefantes. Por que parece que os humanos “perderam” a capacidade biológica de também prever catástrofes naturais e procurar refúgio? No nosso caso, a complexidade da linguagem simbólica teria se tornado uma espécie de “empecilho”? Muitos paleoantropólogos afirmam que tínhamos tal capacidade preventiva em tempos pré-históricos. Hoje temos a ciência, as artes, a tecnologia, mas será que realmente perdemos a capacidade de interpretar os fenômenos naturais por nós mesmos, ou seja, exclusivamente por meio de nosso aparato corporal?

(TM): O uso da linguagem e de outros sistemas simbólicos tem sido uma característica de nossa espécie, provavelmente desde suas raízes evolutivas. Os símbolos trouxeram tanto benefícios quanto problemas. Por um lado, os símbolos deram aos humanos a capacidade de se poder fazer modelos e previsões, incluindo a previsão de riscos ambientais. Por outro lado, a referência simbólica muitas vezes substituiu signos ambientais mais simples. Mesmo quando somos confrontados com relações sígnicas icônicas e indiciais no ambiente natural, tendemos a interpretá-los no âmbito de sistemas de símbolos. Escolhemos o que vemos e como interpretamos. Podemos interpretar culturalmente uma grama baixa e aparada como algo bonito, embora seja um cenário ecologicamente muito incomum e instável para determinada comunidade botânica. A crescente intensidade de fenômenos meteorológicos ou o lento desaparecimento de insetos po-

dem ser facilmente ignorados, uma vez que estamos envoltos nos mantos de informação dos meios de comunicação digitais e da indústria noticiosa.

O distanciamento humano em relação aos processos semióticos da natureza é um problema sério e crescente. Ao mesmo tempo, acredito que a capacidade de vivenciar a natureza através de diferentes sentidos corporais ainda está presente, especialmente em muitas culturas tradicionais, em artistas de vários gêneros, em crianças e em pessoas neurodivergentes. Trata-se de perceber a própria “incorporação” (*embodiment*) e as percepções sensoriais em diálogo dinâmico com diferentes agências semióticas, criando padrões significativos para outras formas de vida através de práticas cotidianas, e participando do tecido semiótico icônico-indexical dos ecossistemas – aquilo que Eduardo Kohn chamou de base semiótica (*semiotic ground*). Diferentes formas de semioses ambientais em humanos são muito valiosas e devem ser estudadas, compreendidas e fortalecidas. Não se trata apenas de apoiar o apego humano à natureza, mas também de se preservar a diversidade, a riqueza e a autenticidade do mundo semiótico.

(AM): Após estudar alguns textos de Sebeok sobre a produção e a comunicação de semioses, percebi muita semelhança entre o raciocínio semiótico daquele semioticista com a teoria matemática da comunicação, desenvolvida por Claude Shannon e Warren Weaver no final dos anos 40. Considerando que Sebeok iniciou seus estudos zoosemióticos de forma mais consolidada a partir da década de 60, pode-se dizer que ele foi também, de alguma forma, influenciado pela teoria de Shannon e Weaver?

(TM): Não creio que a ligação entre Thomas A. Sebeok e Shannon e Weaver tenha sido direta. Pelo menos ele não faz muitas referências às obras clássicas desses dois autores, mas é interessante notar que “comunicação” foi uma palavra-chave central que organizou os estudos nas ciências humanas e sociais entre as décadas de 1940 e 1970. Se olharmos para os títulos de livros ou conferências desse período, há um enorme interesse na comunicação em diferentes culturas, na comunicação entre animais e humanos, na comunicação de massa, e assim por diante. Esse foi o contexto geral em que Sebeok pensou e escreveu. Um dos professores de Sebeok foi Roman Jakobson, que traduziu o modelo de comunicação técnica de Shannon e Weaver para as humanidades. A ligação de Sebeok com Shannon e Weaver se deu provavelmente através da influência de Jakobson, embora Sebeok certamente estivesse ciente do trabalho seminal “Uma teoria matemática da comunicação”. Ao desenvolver

a zoosemiótica nas décadas de 1960-1970, a abordagem de Sebeok foi muito centrada na comunicação – ele escreveu sobre a interação emissor-receptor, sobre *códigos e codificação*, sobre informações contextuais e assim por diante, mas também encontraremos abordagens semelhantes nos trabalhos de Gregory Bateson, Günter Tembrock, Donald R. Griffin e outros eminentes estudiosos da comunicação animal daquela época.

Acho muito interessante como as principais tendências científicas mudam o tempo todo. Hoje, o paradigma da comunicação raramente se faz presente, enquanto os animais são cada vez mais discutidos no âmbito do novo materialismo e do pós-humanismo em conexão com perspectivas e agências não-humanas.

(AM): Achei seu texto “An ecossemiotic approach to nature writing” (“Uma abordagem ecossemiótica para a escrita da natureza”, ainda não publicado em português) muito desafiador. Compreender as estratégias de modelagem não-verbal nos “ensaios” da natureza e aproximá-los da noção de “texto” e “escrita” parece ser uma tarefa árdua. Por que empregar um termo da cultura humana para pensar outras culturas animais e vegetais? Por que, em vez de “texto” ou “escrita”, “ensaio” ou “leitura”, não pensar diretamente na interpretação dos signos de outras espécies? A proposta comparativa entre “textos” humanos e não humanos é até poética, mas não seria uma abertura para recebermos críticas daqueles que justamente pretendem invalidar a ecossemiótica e a zoosemiótica, por exemplo?

(TM): De fato esse é um bom conjunto de perguntas que vai fundo na ecossemiótica. O foco da ecossemiótica, tal como eu a entendo, não está nas entidades formais e na sua comparação, como se daria com questões em torno de existirem estruturas textuais na natureza ou se a escrita da natureza pudesse representar adequadamente significados pré-linguísticos ou não humanos. Eu entendo da seguinte maneira: o objetivo da análise ecossemiótica é perceber, criar e trabalhar com relações entre estruturas e processos semióticos de complexidade variada na cultura humana e em mundos não humanos. Por exemplo, podemos ler textos poéticos com referência a padrões e regularidades específicos da paisagem, notar a presença corporal e as percepções do autor no texto, ou conectar significados culturais altamente simbólicos a expressões de outras espécies. O objetivo do conceito de texto-natureza foi mostrar que os textos escritos sobre a natureza têm significado não apenas em relação à cultura, mas também em relação aos contextos ambientais.

Certamente deveríamos estar conectados com a flora e a fauna circundantes de forma direta e multissensorial. Muitas culturas indígenas na América do Sul e em outros lugares ainda mantêm essa tradição viva. O que os textos e outras formas de cultura podem acrescentar aqui é um meio adicional de apreciação e de avaliação estética. Os textos escritos e as obras artísticas funcionam como portadores de memória cultural que podem ajudar a transmitir compreensão dentro e entre gerações. Como poeta, tive a sorte de participar do projeto do livro “Poetics of endangered species” (“Poética das espécies ameaçadas”, sem publicação em português). Nele, uma encadernação monástica e técnicas artísticas antigas foram combinadas com poemas curtos e com conhecimento biológico para se representar espécies raras. A forma artística e diferente do livro se ajustou muito bem à mensagem sobre o desaparecimento de animais e plantas. Trabalhar com ligações entre natureza e cultura nos ajuda a valorizar o vínculo com outras formas de vida e a apoiar culturas-naturezas dinâmicas e resilientes.

(AM): É inegável que a semiótica ocupa seu lugar no pódio das ciências, mas me parece que ela nunca foi uma ciência tão popular como outras. No Brasil, por uma tradição iniciada com semióticos ligados ao movimento concretista do final dos anos 60 e graças aos extensos trabalhos de Lucia Santaella no decorrer de décadas, a semiótica conseguiu fecundar diversos campos do pensamento, não apenas nas ciências humanas e nas artes. Porém, em um mundo em que o conhecimento científico é tantas vezes questionado por forças negacionistas, qual a sua opinião sobre a continuidade da semiótica no panorama científico? Ela ainda se faz presente, ela se vê ofuscada por outras áreas do conhecimento que estão mais “na ordem do dia” ou ela vem conquistando cada vez mais espaço?

(TM): A posição instável da semiótica no cenário científico parece estar relacionada à sua história peculiar. A semiótica é, em grande parte, uma disciplina sincrética, emergindo do trabalho de médicos, filósofos, linguistas e biólogos que descobriram que os seus respectivos campos revelavam princípios de construção de significado que transcendiam seus temas específicos. Grande parte da história da semiótica trata do diálogo entre esses diferentes pontos de vista, das tentativas de se sintetizar e estabelecer a identidade e a narrativa comuns da disciplina. Tal história não proporcionou à semiótica uma posição teórica sólida, mas, ao mesmo tempo, tornou possível estudar assuntos e problemas muito diferentes e participar de interessantes excursões interdisciplinares.

Na verdade, sou bastante otimista quanto ao futuro da semiótica. O mundo de hoje está mais semiótico do que nunca. Existem novos desafios, como navegar no panorama mediático da pós-verdade, fazer a mediação entre a IA e o conhecimento humano, detectar fraudes na internet, interpretar sinais ambientais de alterações climáticas e ecossistêmicas, e assim por diante. Todas essas questões se enquadram no domínio e na competência da investigação semiótica. O que é necessário, contudo, é um rejuvenescimento da teoria e dos métodos semióticos. Muitos dos fundamentos teóricos da semiótica datam das décadas de 1960 e 1970, ou até mesmo de antes. Os autores fundadores da semiótica pensaram e trabalharam no contexto de sociedades e sistemas de informação muito diferentes. O que precisamos hoje, na minha opinião, é do envolvimento da semiótica com os novos tipos de semioses que estão presentes na sociedade e no meio ambiente. Precisamos aprender com essas interações e reconfigurar a teoria semiótica em conformidade com o mundo atual.

Gostaria também de enfatizar o poder da semiótica como disciplina crítica. A semiótica torna possível ver através das estratégias de manipulação, navegar nas correntes dos novos meios de comunicação, ignorar campanhas de mercado predatórias e proteger e fortalecer determinada identidade e patrimônio cultural. Uma pessoa que possui “literacia semiótica” – e com isso quero dizer as habilidades práticas e cotidianas da análise semiótica – está bem equipada para enfrentar o mundo cada vez mais complexo e instável de hoje. A semiótica torna possível reconhecer e combater códigos culturais hostis e sistemas simbólicos hegemônicos. Ela também permite construir pontes e transitar em diferentes códigos e linguagens – entre o local e o global, entre o não-humano e o humano. Eu diria até mesmo que o desenvolvimento e a difusão da “literacia semiótica” seria uma tarefa primordial dos semioticistas de nossos dias, e também a maneira mais fácil de se popularizar a disciplina. A semiótica tem muito potencial para ser ensinada e usada em contextos sociais cotidianos.

Referências:

MARAN, Timo. *Mimicry and meaning: Structure and semiotics of biological mimicry*. Berlin: Springer, 2017.

MARAN, Timo. Umwelt collapse: The loss of Umwelt-ecosystem integration. *Biosemiotics*, v. 16, p. 479–487, 2023.

MARAN, Timo; LJUTJUK, Anatoli; JAKOVLEVA, Tatiana. *Poetics of endangered species: Estonia*. Tallinn: Ukraina Kultuurikeskus, 2018.